

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ROSENI BAASCH SCHMITT



**BULLYING: NÍVEL DE CONHECIMENTO DOS ESTUDANTES E
FORMAS DE MINIMIZAR ESTA PRÁTICA**

BLUMENAU
2016

BULLYING: NÍVEL DE CONHECIMENTO DOS ESTUDANTES E FORMAS DE MINIMIZAR ESTA PRÁTICA

Trabalho de Conclusão do Curso de Pós-Graduação em nível de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola, do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná, apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola.

Orientador: Prof^a Aline de Oliveira Gonçalves

Co-orientador: Prof. Clóvis Wanzinack

BULLYING: NÍVEL DE CONHECIMENTO DOS ESTUDANTES E FORMAS DE MINIMIZAR ESTA PRÁTICA

Roseni Baasch Schmitt¹; Aline de Oliveira Gonçalves²; Clovis Wanzinack³

1 - Graduada em História. Professora de Geografia na Prefeitura Municipal de Blumenau.

roseni.schmitt@terra.com.br

2 - Mestre em comunicação, especialista em sociologia política, graduada em comunicação com habilitação em jornalismo. Técnico-administrativa na UFPR Litoral. E-mail:

alinegoncalves@gmail.com

3 – Mestre em Desenvolvimento Regional FURB. Professor da UFPR. E-mail:

cloviswa@gmail.com

Resumo: O presente trabalho se propõe a verificar o nível de conhecimento dos estudantes do 8º ano da Escola Básica Municipal Vidal Ramos da rede municipal de Blumenau sobre *bullying* e também formas de minimizar esta prática. Para tanto, foi aplicado um questionário aos alunos/as, entregue texto explicativo, feita leitura de textos sobre pessoas famosas que superaram o *bullying* e obtiveram sucesso e reconhecimento e, mostra de clipes de músicas que tratam sobre este assunto. E ainda, foi realizado um trabalho em duplas na sala de informática. Após a finalização dos trabalhos, os mesmos foram socializados em sala de aula e neste momento foi realizada uma nova discussão sobre o assunto, para esclarecimentos de dúvidas. O questionário produzido, bem como os gráficos realizados foram disponibilizados para a escola. Através do questionário observou-se que a escola precisa estar melhor preparada para intervir nos casos de *bullying* e ainda, como auxiliar as vítimas de *bullying*, já que estas algumas vezes não costumam denunciar seu agressor.

Palavras-chave: *Bullying*; Escola; Nível de conhecimento

Abstract: This study aims to verify the level of knowledge of students of the eighth year of the Municipal Primary School Vidal Ramos, the city of Blumenau, about bullying and also ways to curb this practice. Thus, a questionnaire was administered to students, delivered explanatory text, reading texts about famous people who overcame bullying and achieved success and recognition, shows of music clips that deal with this subject. And still, there was a work in pairs in the computer room. After completion of the work, they were socialized in the classroom and at this time was held a new discussion on the subject, for clarification of doubts. The questionnaire produced as well as the graphics have been made available to school. Through the survey it was observed that the school needs to be better prepared to intervene in cases of bullying and also as assisting the victims of bullying, as these tend not to denounce their abuser.

Keywords: Bullying; School; Level of Knowledge

INTRODUÇÃO

Bullying trata-se de um fenômeno mundial, mas isso não significa que deve ser aceito como algo normal e minimizado por pais e educadores. É algo que continua acontecendo e infelizmente oprimindo muitos estudantes.

Assim, é de vital importância que o/a educador/a saiba identificar casos de *bullying* na escola, afinal trabalha diretamente com os alunos, tem envolvimento direto com eles e está presente no local onde podem ocorrer as agressões.

Segundo Fante (2012, p. 27), *bullying* é uma palavra de origem inglesa, adotada em muitos países para definir o desejo consciente e deliberado de maltratar outra pessoa e colocá-la sob tensão; termo que conceitua os comportamentos agressivos e antissociais, utilizado pela literatura psicológica anglo-saxônica nos estudos sobre o problema da violência escolar.

Segundo Silva (2010,p.111), o *bullying* é um fenômeno antigo, mas que só passou a ser objeto de estudo científico no início dos anos 70, na Suécia. Nos Estados Unidos, o *bullying* é motivo de grande atenção e interesse, uma vez que este fenômeno cresce de forma exponencial, a ponto de ser classificado como um conflito global. No Brasil, como afirmam Zoega & Rosim, os primeiros estudos sobre *bullying* datam de 1989, no Rio Grande do Sul. Entretanto, o estudo de maior destaque já realizado no Brasil foi realizado pela ABRAPIA (Associação Brasileira Multifuncional de Proteção a Infância e a Adolescência). As pesquisas realizadas entre 2002 e 2003, revelam que 40,5% dos alunos já tiveram participação direta em atos de *bullying*, seja como agressor ou vítima.

Brincadeiras ocorrem de forma espontânea entre os alunos. Colocam apelidos uns nos outros, fazem piadas e dão muitas risadas. Mas quando isso se transforma em ato de perversidade e quando apenas um se diverte, a brincadeira deixa de ser saudável e transforma-se em *bullying*. Segundo Barros, Carvalho e Pereira, esse tipo de violência pode ser física, verbal, psicológica e/ou sexual, podendo ocorrer de forma direta ou indireta, sendo ambas prejudiciais à saúde mental do indivíduo.

Existem diferentes papéis desempenhados no processo de *bullying*: o agressor (que pratica a agressão), a vítima (que é o alvo da agressão) e o espectador (que presencia a agressão). Para Silva (2010, p. 113-114), tanto meninas quanto meninos se envolvem nos comportamentos de *bullying*. No entanto, as meninas tendem a praticar agressões na forma de terror psicológico, fofocas, intrigas e na manipulação de outras meninas contra as –“colegas-alvo”–. Já os meninos tendem a utilizar a força física para firmarem sua superioridade sobre os demais.

Os agressores escolhem suas vítimas pela fragilidade que elas demonstram, como ser muito tímido, ser muito alto ou muito baixo, muito gordo ou muito magro, usar roupas diferentes, falar diferente, ou ainda ser de uma religião diferente. A maioria dos casos de *bullying* em contexto escolar passa despercebido e/ou são

mantidos em segredo por um longo período de tempo (Barros, Carvalho e Pereira, 2009), dificultando por isso a intervenção precoce. Em casos de *bullying*, o educador deve evitar dizer: “Não faça isso que ele vai ficar triste”, pois acaba soando como incentivo. Deve evitar expor a vítima, pois essa atitude pode ser tão ameaçadora ou humilhante quanto o próprio ato do *bullying*.

Para Meier & Rolim (2013, p. 42), além da Constituição Federal, o Brasil dispõe dos Códigos Civil e Penal, somadas a uma série de outras leis que protegem o cidadão contra o assédio moral, as agressões física ou psicológica e os danos provenientes de atitudes discriminatórias.

A escola pode identificar o *bullying* através de atividades simples como redações ou então criando caixas de denúncias anônimas ou comitês para acolhimento das vítimas. As consequências afetam a todos os envolvidos, mas sem dúvida, a vítima é a mais prejudicada, pois poderá carregar os efeitos desses atos durante toda a sua vida, tornando-se uma pessoa apática, retraída, indefesa aos ataques externos. As vítimas podem tornar-se deprimidas, tristes ou ansiosas. Elas podem sentir-se fisicamente doentes e seu desempenho escolar pode sofrer. Em casos extremos, elas podem tentar se machucar. O *bullying* também afeta negativamente os agressores. Há estudos que sugerem que os *bullies* são mais propensos a ter problemas de saúde mental. Eles podem ter dificuldade em formar relacionamentos saudáveis e estão mais sujeitos a serem condenados por crimes quando adultos.

Assim, o objetivo deste trabalho é alertar educadores, gestores, familiares e estudantes sobre o alto índice da prática de *bullying* no ambiente escolar, conscientizando-os da importância de sua atuação na prevenção e coibição do *bullying*.

METODOLOGIA

Este artigo tem o intuito de relatar o nível de conhecimento acerca do *bullying* de estudantes do 8º ano da Escola Básica Municipal Vidal Ramos e aplicar formas de minimizar esta prática. Para tanto, foi aplicado um questionário aos alunos/as, (65 estudantes, sendo 36 do gênero masculino e 29 do gênero feminino). Foi entregue texto explicativo, feita leitura de textos sobre pessoas famosas que superaram o *bullying* e obtiveram sucesso e reconhecimento e, mostra de clipes de músicas que tratam sobre este assunto. E ainda, foi realizado um trabalho em

duplas na sala de informática. Após a finalização dos trabalhos, os mesmos foram socializados em sala de aula e neste momento foi realizada uma nova discussão sobre o assunto, para esclarecimentos de dúvidas. O período de realização da atividade foi de 27 de outubro a 19 de novembro de 2015.

Foi aplicada a metodologia quantitativa e qualitativa, ou seja, mista. Segundo Richardson (1989), o método quantitativo caracteriza-se pelo emprego da quantificação, tanto nas modalidades de coleta de informações, quanto no tratamento dessas através de técnicas estatísticas, desde as mais simples até as mais complexas. Possui como diferencial a intenção de garantir a precisão dos trabalhos realizados, resultando num trabalho com poucas possibilidades de distorções.

Foram aplicados questionários sobre *bullying* e apresentados os resultados através de tabelas e gráficos. Como esse tema é muito amplo, foi usado também o método qualitativo, pois assim foi possível obter informações não expressas em palavras, como desenhos, vídeos e até mesmo trilhas sonoras (Tesch 1990).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a aplicação do questionário aos estudantes de três 8º anos (65 estudantes, sendo 36 do gênero masculino e 29 do gênero feminino), foi constatado que 97% deles já ouviram ou leram sobre *bullying*, ou seja, não é um assunto completamente novo. Eles apontam que faltam mais informações, debates, mas que o assunto deixou de ser -“novidade”-. O questionário (Anexo 1) contém dez perguntas fechadas e cinco perguntas abertas, cujo objetivo foi dar espaço para que falassem abertamente e detalhadamente sobre o assunto.

TABELA 01 – CONHECIMENTO DO TERMO *BULLYING*

	SIM	NÃO	AS VEZES	NULO
Você já ouviu falar ou leu sobre o <i>bullying</i> ?	63	0	1	1

FONTE: as(os) autoras(es) (2016).

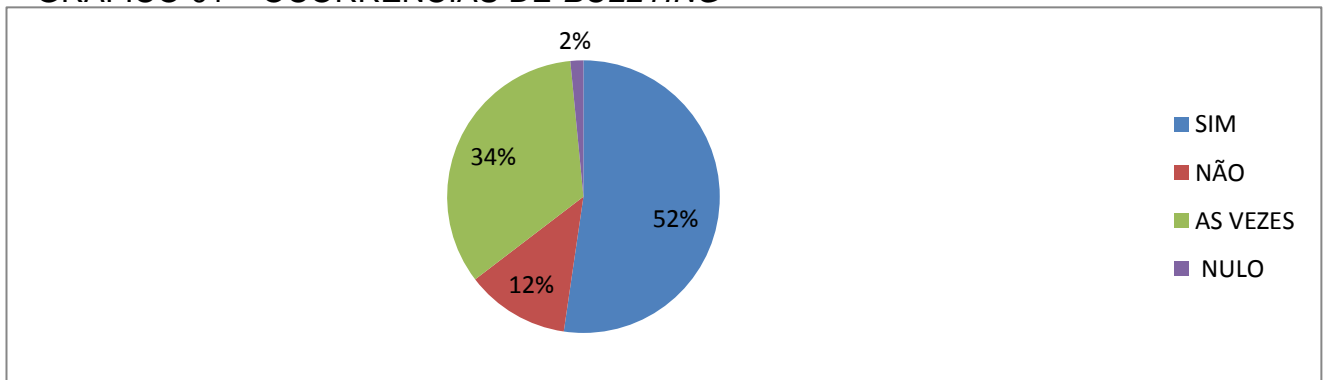
Quando questionados sobre se em sala de aula acontecem casos de *bullying* 52% responderam que sim e 34% as vezes. A incidência de *bullying* em sala de aula ainda é muito grande, apesar de vários professores já terem trabalhado esse tema em anos anteriores.

TABELA 02 – OCORRÊNCIAS DE *BULLYING*

	SIM	NÃO	AS VEZES	NULO
Na sala de aula já aconteceu ou acontece casos de <i>bullying</i> ?	34	8	22	1

FONTE: as(os) autoras(es) (2016).

GRÁFICO 01 – OCORRÊNCIAS DE *BULLYING*



FONTE: as(os) autoras(es) (2016).

É importante destacar a influência do professor em sala de aula. Na maioria das vezes ele é apontado como influência positiva, mas em alguns casos, influência negativamente e prejudica a vítima de *bullying*.

TABELA 03 – ATIVIDADES DO PROFESSOR

	SIM	NÃO	AS VEZES
As atividades do professor influenciam na ocorrência de <i>bullying</i> em sala de aula?	12	33	20

FONTE: as(os) autoras(es) (2016).

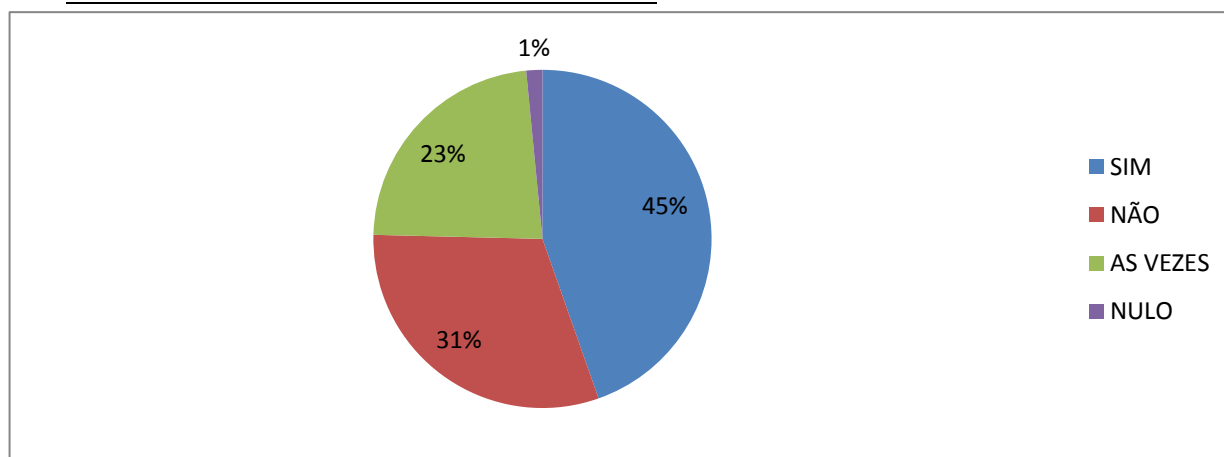
Muitos alunos acham que a escola deveria estar melhor preparada para atender aos casos de *bullying*, inclusive vários deles sugeriram a realização de palestras, teatro sobre este tema, e ainda a punição para o agressor.

TABELA 04 – INTERVENÇÕES DA ESCOLA

	SIM	NÃO	AS VEZES	NULO
A escola está preparada para intervir nos atos considerados de <i>bullying</i> ?	29	20	15	1

FONTE: as(os) autoras(es) (2016).

GRÁFICO 02 – INTERVENÇÕES DA ESCOLA



FONTE: as(os) autoras(es) (2016).

Em relação a ser alvo de *bullying*, as respostas ficaram bem equilibradas, o que demonstra que o trabalho sobre esse tema deve ser contínuo, para que os frutos sejam colhidos no futuro.

TABELA 05 – OCORRÊNCIAS DE *BULLYING*

	SIM	NÃO	AS VEZES
Você já foi alvo de <i>bullying</i> ?	30	29	6

FONTE: as(os) autoras(es) (2016).

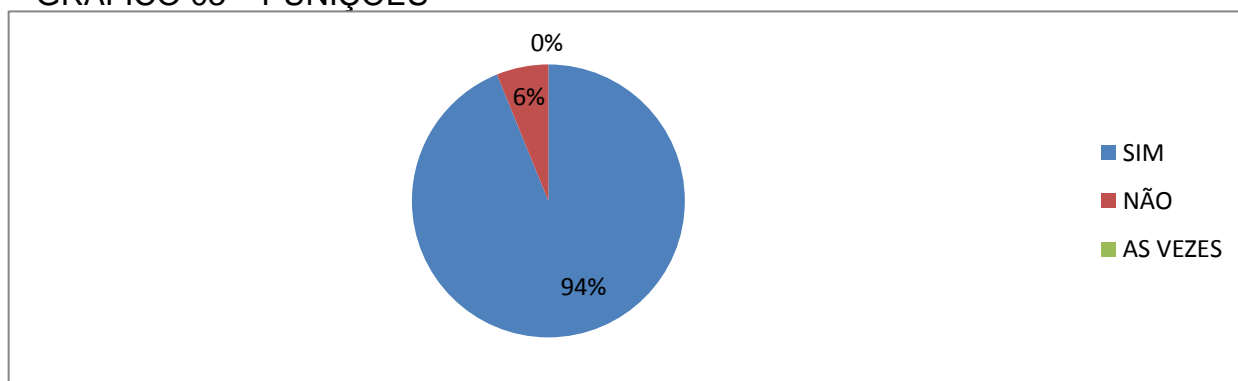
Se 94% dos alunos entrevistados sabem que podem ser punidos por praticar *bullying*, por que ainda há tantos casos? Por que continuam praticando? Pode-se inferir que não possuem medo de serem punidos e não se importam com a dor que causam nos colegas.

TABELA 06 – PUNIÇÕES

	SIM	NÃO	AS VEZES
Você sabia que pode ser punido por ser autor de <i>bullying</i> ?	61	4	0

FONTE: as(os) autoras(es) (2016).

GRÁFICO 03 – PUNIÇÕES



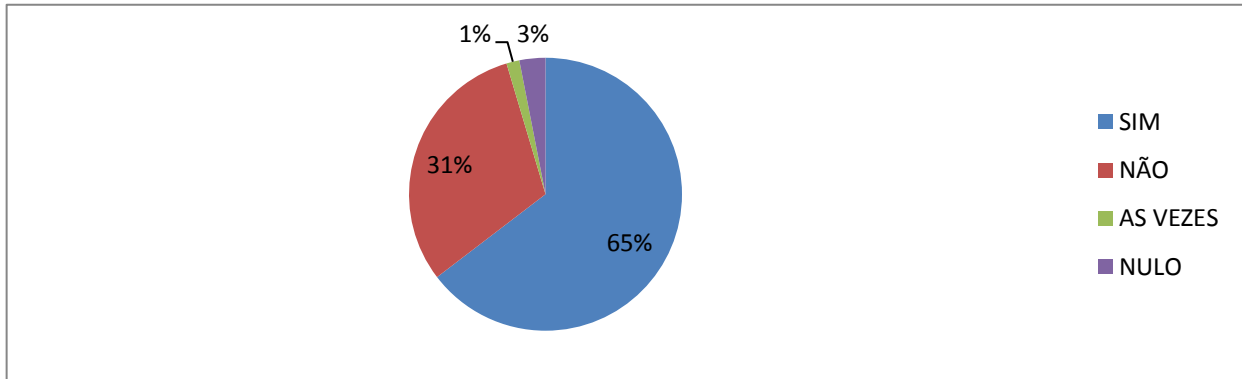
FONTE: as(os) autoras(es) (2016).

Atualmente é frequente o uso das redes sociais entre os adolescentes. E assim, surge uma nova forma de praticar *bullying*. Segundo Maldonado (2011) no *cyberbullying* a divulgação e propagação das mensagens via internet, os ataques tornaram-se ainda mais destruidores, no sentido de replicação e rapidez das informações. Essa atividade de violência também se diferencia, devido a / ao agressor não precisar ser mais forte fisicamente que a vítima. Pode ocorrer ainda há quilômetros de distância entre agressor e vítima e ainda, muitas vezes, ser de forma anônima. Mas há ainda alguns adolescentes que ainda desconhecem o *Cyberbullying*. Isso mostra que esse assunto deve ser continuamente trabalhado em sala de aula.

TABELA 07 – CYBERBULLYING	SIM	NÃO	AS VEZES	NULO
Você sabe o que é <i>Cyberbullying</i>	42	20	1	2

FONTE: as(os) autoras(es) (2016)

GRÁFICO 04 – CYBERBULLYING



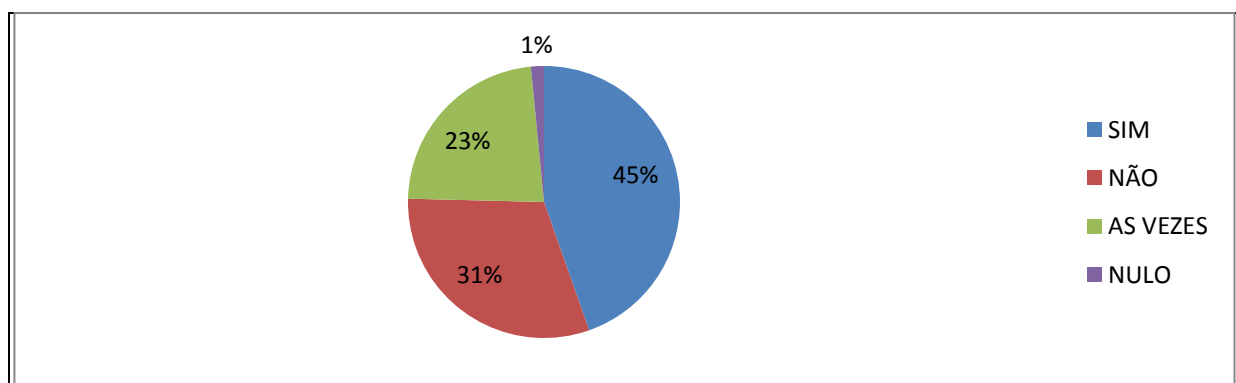
FONTE: as(os) autoras(es) (2016).

Uma característica sobre o *bullying* que merece destaque é a diferença entre o *bullying* praticado por meninos e meninas. E nessa questão as respostas também ficaram bastante equilibradas.

TABELA 08 – BULLYING E GÊNERO	SIM	NÃO	AS VEZES	NULO
Existe diferença entre o <i>bullying</i> praticado por meninos e meninas?	29	20	15	1

FONTE: as(os) autoras(es) (2016).

GRÁFICO 05 – BULLYING E GÊNERO



FONTE: as (os) autoras(es) (2016).

O *bullying* não é um fenômeno recente. Entretanto as discussões sobre esse assunto em sala de aula ainda é algo que deve ser aprimorado e incentivado.

TABELA 09 – *BULLYING* ATRAVÉS DO TEMPO

	SIM	NÃO	AS VEZES	NULO
O <i>bullying</i> é um fenômeno recente?	14	46	4	1

FONTE: as(os) autoras(es) (2016).

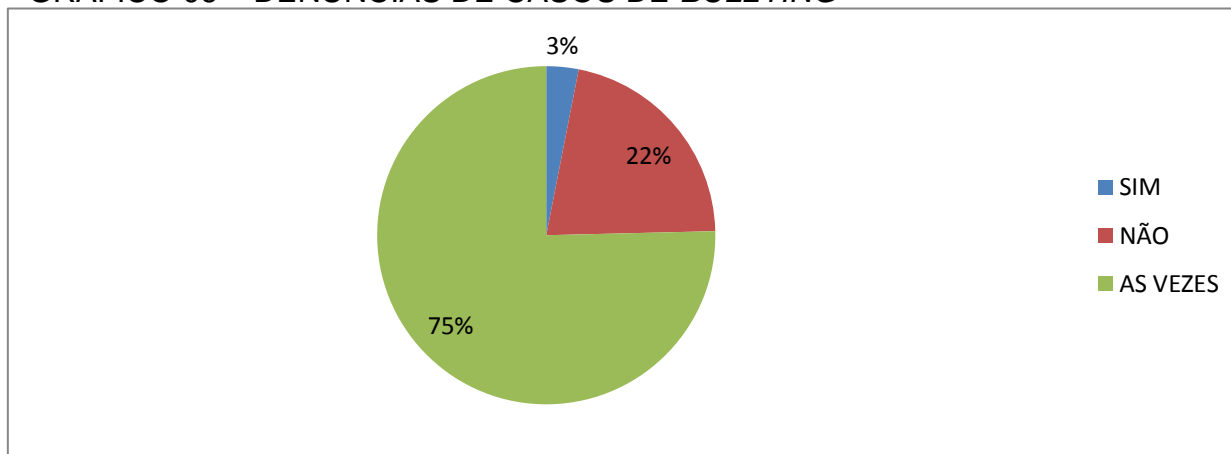
Outro item importante e preocupante é que 75% dos alunos responderam que somente às vezes as vítimas de *bullying* costumam denunciar seu agressor e 22% responderam que não a esta pergunta. Segundo Silveira (p. 60, 2011), as vítimas não relatam os abusos, fecham-se em seu sofrimento. “A vítima tem um grande medo de denunciar os seus agressores, por medo de sofrer represália e por vergonha de admitir que esteja passando por situações humilhantes na escola” –.

TABELA 10 – DENÚNCIAS DE CASOS DE *BULLYING*

	SIM	NÃO	AS VEZES
As vitimas de <i>bullying</i> costumam denunciar seu agressor?	2	14	49

FONTE: as(os) autoras(es) (2016)

GRÁFICO 06 – DENÚNCIAS DE CASOS DE *BULLYING*



FONTE: as(os) autoras(es) (2016).

Nas perguntas abertas os alunos puderam expressar de forma mais ampla seus conhecimentos ou opiniões sobre as questões. Algumas respostas foram bastante enriquecedoras para a explicação posterior em sala de aula. As respostas foram relacionadas de acordo com sua semelhança, ou seja, respostas muito parecidas não estão relacionadas abaixo.

1. O que leva o autor do *bullying* a praticá-lo?

Falta de confiança em si mesmo e o desejo de maltratar o outro; Falta de amor e de amigos; Porque recebem incentivo para praticá-lo; Insegurança; Ser popular; Diversão; Revolta por algo que acontece em sua vida; Também ser vítima de *bullying*; Diferenças, como por exemplo: raça, religião, gostos.

2. Quem são os protagonistas do *bullying*?

Qualquer pessoa pode ser protagonista do *bullying*; valentões; pessoas com problemas familiares como falta de atenção em casa; novatos na escola; Populares; deficiente, nerd, negros (que sofrem); pessoas de má fé.

3. Quais são os atos expressos de bullying (tipos de violência praticados)?

Violência verbal, como xingar a vítima e violência física como agressões; pela internet; Apelidinhos, bater, xingar, humilhar, caçoar de alguém e exclusão social.

4. Você já presenciou casos de *bullying*? Explique.

Uma pessoa era gorda e foi vítima por ser acima do peso; Um aluno um pouco moreno que veio da Paraíba, ele quase todos os dias sofria *bullying* pelos rapazes da nossa sala; Sim, porque eu que praticava o *bullying*; Na minha sala ou no intervalo pro lanche é comum presenciar o *bullying*; apelidos como miss bambu, palito, orelhuda, nariz torto; já sofri *bullying* por causa da minha cor e por meu cabelo ser cacheado; quando eu era menor eu realmente sofria *bullying* por ser gordinha; Excluíram-me de brincadeiras e falavam mal de mim; pelo jeito de se vestir da pessoa; me chamam de loira burra, loira de farmácia, seca, magrela e loira azeda.

5. O que pode ser criado ou feito nas escolas, para coibir o *bullying*.

Palestras; criação de grupo *anti-bullying*; punições para o agressor; Campanhas, protestos, grupos de apoio para quem é vítima; trabalhos, pesquisas e interação entre as salas; Colocar câmeras em todas as partes da escola; Campanhas, vídeos, filmes, placas, folhetos; sistema de denúncia; teatros.

O questionário foi explicado para que se pudesse constatar qual era o nível de conhecimento dos alunos. E também para que pudessem relatar suas opiniões e experiências pessoais.

Após a aplicação do questionário foi explicado o conceito de *bullying*, sua origem e seus protagonistas, bem como os atos, as diferenças entre o *bullying* praticado por meninos e meninas, sintomas de quem sofre *bullying* e *Cyberbullying*. Apesar de não ser um assunto – “novo” – para os alunos, foi constatado que desconheciam muitas informações importantes. Nesse momento foi possível esclarecer vários itens, como nem todo apelido é necessariamente *bullying*. E como exemplo, em uma das turmas havia um menino cujo apelido era índio (ele não era de etnia indígena). E perguntei pra ele se o apelido o incomodava e ele disse que não, de forma alguma. Inclusive no seu questionário respondeu que não foi alvo de *bullying*. Ou seja, o apelido não ofendia, magoava ou causava dor. Era somente um apelido e todos estavam bem com isso.

É importante mencionar ainda o desconhecimento dos alunos em relação aos protagonistas do *bullying*, ou seja, a grande maioria desconhecia que o espectador também está envolvido, seja como incentivador ou adotando a lei do silêncio. Para enriquecer mais ainda a discussão sobre este tema, foram lidos alguns relatos de sucesso e reconhecimento de pessoas famosas que superaram o *bullying*, como Michael Phelps, Kate Winslet, Tom Cruise, Madonna, David Beckham, Steven Spielberg e Bill Clinton (Silva, 2010, p. 91-106).

Após toda a explicação foram mostrados vários clipes de músicas que falam sobre *bullying*, inclusive interpretadas por artistas que são conhecidos dos adolescentes, como exemplo: Skyscraper - Demi Lovato, Who's Laughing Now - Jessie J, Beautiful - Christina Aguilera, Outra Frequência – Rebeldes,

Para finalizar o trabalho realizado com os alunos, foi realizada uma atividade na sala de informática onde, em duplas, os estudantes fizeram trabalhos levando em consideração o conceito de *bullying*, *cyberbullying*, as diferenças praticadas por meninos e meninas, os atos, os protagonistas, os sintomas de quem sofre *bullying* e a opinião da dupla.

As imagens escolhidas pelos alunos foram selecionadas de acordo com o tema referente ao *bullying* (Anexo 2). Em seguida são apresentadas as percepções sobre cada imagem:

- Figura 1 (protagonistas): mostra além da vítima e do agressor, os demais envolvidos no *bullying*, nesse caso os expectadores. Há os que incentivam e os que por medo adotam a lei do silêncio;
- Figura 2 (protagonistas famosos): o *bullying* está presente em vários programas assistidos pelo público jovem;
- Figura 3 (gênero): mostra uma forma de *bullying* praticada por meninas, neste caso a exclusão social;
- Figura 4 (denúncia): muitos alunos não denunciam os casos de *bullying* e ainda não possuem apoio familiar.
- Figura 5 (*cyberbullying*): forma atual e veloz de praticar *bullying*;
- Figura 6 (aparência física): quando a aparência é motivo de *bullying*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi realizar um levantamento sobre o nível de conhecimento sobre *bullying* dos estudantes do 8º ano da Escola Básica Municipal Vidal Ramos.

Inicialmente observou-se que a maioria desses estudantes já leu ou ouviu falar sobre o *bullying*. Outra observação que foi feita é que 94% destes alunos sabem que podem ser punidos por serem autores de *bullying*. Cabe ainda destacar que segundo os entrevistados as vítimas não costumam denunciar seu agressor.

Os dados apresentados foram frutos de um questionário realizado com alunos do oitavo ano e também frutos de um processo de leitura e pesquisa sobre *bullying*.

Os dados obtidos através do questionário permitem que a escola trabalhe mais efetivamente com seus alunos, pois agora sabe quais são suas deficiências e conhece as opiniões dos entrevistados.

Este trabalho, portanto, abre uma proposta de conhecimento para continuar o trabalho sobre *bullying* nos próximos anos. Além do questionário como modelo, há também as músicas que foram trabalhadas com os alunos e a bibliografia sobre *bullying*.

Esse tema deve ser continuamente trabalhado pela escola, mas não deve ser executado sempre da mesma forma. Em seguida são apresentadas algumas metodologias que a escola poderia utilizar para trabalhar sobre o *bullying*:

- anos iniciais (pré ao 3º ano): Teatro sobre atos de *bullying*, sintomas e formas de superação. O teatro poderia inclusive ser organizado por alunos dos anos finais;
- anos iniciais (4º e 5º ano): Desenhos, frases e paródias;
- anos finais (6º e 7º ano): História em quadrinhos, poesias e cartazes;
- anos finais (8º e 9º ano): Músicas, filmes e palestras.

Cabe ressaltar um trecho da música Outra Frequência (Rebeldes): nunca se esqueça da sua essência, mesmo que esteja em outra frequência. Não há nada de errado em ser diferente, desde que seja você mesmo é só seguir em frente. Assim, ser muito tímido, ser muito alto ou muito baixo, muito gordo ou muito magro, usar roupas diferentes, falar diferente, ou ainda ser de uma religião diferente não deveria ser motivo de *bullying* (Barros, Carvalho e Pereira, 2009).

Finalmente, foi constatado que é fundamental conhecer as vivências e experiências pessoais de nossas crianças e adolescentes nos atos de *bullying*, seja como agressor, vítima ou espectador.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela saúde e perseverança. Sem Ele nada posso. E agradeço também a minha querida família, Cláudio, Gabriele e Sabrina, pelo incentivo, sugestões, opiniões e por terem me apoiado e principalmente me ouvido durante meu estudo sobre Gênero e Diversidade na Escola. Meus sinceros agradecimentos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Paulo César; CARVALHO, João Eloir; PEREIRA, Maria Beatriz Ferreira Leite Oliveira. **Um Estudo Sobre o bullying no contexto escolar**. Anais. IX Congresso Brasileiro de Educação – EDUCERE, 2009, acessado em 21/11/2015.

Escola.britannica.com.br/article/603329/bullying, acessado em 01/02/2016.

FANTE, Cleo. Fenômeno **Bullying**. **Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. Campinas: Verus Editora, 2012.

MALDONADO, Maria Tereza. **Bullying e Cyberbullying: o que fazemos com o que fazem conosco?**. São Paulo: Moderna, 2011.

MEIER, Marcos; ROLIM, Jeanine. **Bullying sem blá-blá-blá**. Curitiba: Intersaberes, 2013.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying Mentas Perigosas nas Escolas**. Rio de Janeiro:Objetiva, 2010.

SILVEIRA, Cláudio. Bullying como lidar com os agressores. **Revista História Catarina**, Lages, Ano V, número 29, p. 55-64, março. 2011.

WANZINACK, Clóvis; SIGNORELLI, Marcos Claudio. **Diversidade e Educação: intersecções entre corpo, gênero e sexualidade, raça e etnia**. Matinhos: UFPR Litoral, 2014. P. 59-79.

ZOEGA, Maria Teresa Silveira; ROSIM, Mirivaldo Antonio. **Violência nas escolas: o Bullying como forma velada de violência**. Disponível em: http://www.revistaunar.com.br/cientifica/documentos/vol3_n1_2009/4_violência_nas_escolas.pdf, acessado em 11/12/2015.